

VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo

IV Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo

II Encontro Latino-Americano de Estudos do Consumo

Comida e alimentação na sociedade contemporânea

9,10 e 11 de novembro de 2016

Universidade Federal Fluminense em Niterói/RJ

O "comer fora de casa" no Brasil, Reino Unido e na Espanha: uma revisão das bases de dados estatísticos oficiais e perspectivas para comparação

Schubert, Maycon NoreMBERG¹

Schneider, Sergio²

Díaz Méndez, Cecilia³

RESUMO

O objetivo do presente artigo é analisar os bancos de dados oficiais dos três países, Brasil, Espanha e Reino Unido sobre os dados relativos aos gastos realizados com alimentação, especialmente "fora de casa", comparando suas metodologias, conceitos e organização. Nesse sentido, os estudos comparados, que busquem identificar diferenças e similaridades em distintos contextos sociais, econômicos e culturais, contribuem com a compreensão deste fenômeno, sendo as fontes de dados estatísticos oficiais uma das formas possíveis de investigação, apesar dos seus limites em termos de confluência metodológica. As principais fontes de dados oficiais provêm dos órgãos de pesquisa responsáveis em cada país. No Brasil, a principal fonte de dados oficiais advém das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Espanha, a principal fonte de dados oficiais advém das "Encuestas de Presupuestos Familiares" (EPF base 2006), conduzidas pelo "Instituto Nacional de Estadística" (INE) e do bloco "Encuesta del Consumo Extradoméstico" conduzida pelo "Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente" (MAGRAMA). Por fim, no Reino Unido, as principais fontes de dados advém das pesquisas "Living Costs and Food Survey" (LCF), conduzidas pelo "Office for National Statistics" (ONS) e pelos relatórios "Food Statistics Pocketbook" redigidos pelo "Department for Environment, Food and Rural Affairs" (DEFRA). Os resultados nos indicam que há muitas dificuldades em analisar os bancos de dados oficiais com respeito ao fenômeno "comer fora de casa", seja em virtude das limitações dos dados em si, ou mesmo em razão das limitações em se realizar análises comparadas de forma direta.

Palavras Chaves: Sociologia da Alimentação, Comer fora de casa, Orçamento familiar.

INTRODUÇÃO

Profundas transformações vem ocorrendo nas sociedades contemporâneas, tanto de rupturas como de preservação das estruturas sociais, principalmente no que corresponde as mudanças tecnológicas, inter-

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em regime de co-tutela com a Universidad de Oviedo (UNIOVI), Espanha. Bolsista CAPES. Endereço: Av. João Pessoa, 31, 1º andar. Porto Alegre – RS - E-mail: maycon.schubert@gmail.com.

² Professor de Sociologia do Desenvolvimento Rural e Estudos Alimentares na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculado aos Programas de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) e Desenvolvimento Rural (PGDR). Bolsista PQ/CNPq. Endereço: UFRGS/IEPE/PGDR - Av. João Pessoa, 31 - Porto Alegre, RS - 90.040-000 – F: +55 51 3308-3281. E-mail: schneide@ufrgs.br.

³ Catedrática acreditada de Sociología, desarrolla su labor docente como profesora titular en el Departamento de Sociología de la Universidad de Oviedo. Universidad de Oviedo. Departamento de Sociología. Facultad de Economía y Empresa. Edificio Departamental, 2º Planta. Campus de El Cristo. 33006 Oviedo. Asturias (España). cecilia@uniovi.es.

culturais, novas formas de organização do trabalho e mobilizações políticas. Não obstante, outras mudanças podem ser percebidas na esfera dos comportamentos e das práticas individuais, conectadas a esses processos mais amplos, entre elas a alimentação e o comer. No mundo ocidental, o ato de "comer fora" é uma prática social relativamente nova, ligada à modernidade⁴.

Estudos recentes mostram que a prática do comer fora é um fenômeno sociológico que está ligado a três processos centrais, sendo estes a globalização, a mercantilização e a estetização (WARDE, 2016). A frequência com que os indivíduos, e seus coletivos, se dirigem aos estabelecimentos comerciais variados, para fins de ingestão de comida produzida fora do ambiente doméstico, vem se ampliando de forma significativa no período histórico recente (PITTE, 1998; MENNEL, *et al.*, 1992).

Todavia, segundo Díaz Méndez, *et al.* (2013), o "comer fora de casa" é uma prática alimentar de difícil conceituação. De maneira genérica, a principal referência são os espaços de preparo e consumo da comida. Para Orfanos (2009, pg. 240), há duas definições complementares que têm sido utilizadas: a) todas as refeições preparadas fora de casa, independente do consumo; b) todas as refeições consumidas fora de casa, independentemente do local onde são preparadas. Essas duas definições parecem mais apropriadas para esse momento, mesmo que ainda não resolva situações mais específicas, ou mesmo defina um conceito mais estruturado, capaz de permitir a criação e o uso de categorias empíricas mais precisas.

No que diz respeito aos bancos de dados oficiais, fica a pergunta: como são registrados os gastos relativos ao consumo de alimentos fora do ambiente doméstico, quais as definições adotadas, as metodologias implementadas, as formas de organização e disponibilização dessas informações?

Nesse sentido, o principal objetivo deste artigo é analisar os dados oficiais dos três países, Brasil, Espanha e Reino Unido, a partir das informações disponibilizadas pelos seus respectivos órgãos oficiais, responsáveis pelas pesquisas relativas aos gastos da população com alimentos. Deste modo, pretende-se identificar e comparar as principais diferenças metodológicas, conceituais e organizacionais destes banco de dados, especialmente no que diz respeito a prática do "comer fora de casa".

No Brasil, a principal fonte de dados oficiais advém das Pesquisas de Orçamentos Familiares (POF), conduzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Na Espanha, a principal fonte de dados oficiais advém das "*Encuestas de Presupuestos Familiares*" (EPF base 2006), conduzidas pelo "*Instituto Nacional de Estadística*" (INE) e do bloco "*Encuesta del Consumo Extradoméstico*" conduzida pelo "*Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente*" (MAGRAMA). Por fim, no Reino Unido, as principais fontes de dados advém das pesquisas "*Living Costs and Food Survey*" (LCF), conduzidas pelo "*Office for National Statistics*" (ONS) e pelos relatórios "*Food Statistics Pocketbook*" redigidos pelo

⁴ Esse não parece ser o caso do oriente de modo geral e da China em particular, onde há registros da existência de restaurantes, frequentados não só por "necessidades", decorrentes de viagens e trabalho, mas também por lazer, datados de 618 e 907 DC, ainda no império Chinês da dinastia T'ang. Portanto muito antes do caso ocidental (BEARDSWORTH E KEIL, 1997, pg. 104). Ver também Xiaomin, (2006).

"Department for Environment, Food and Rural Affairs" (DEFRA). As informações aqui analisadas foram obtidas a partir dos relatórios e dados *online* disponibilizados pelos respectivos órgãos de cada país.

Optou-se pelos três países por haver uma agenda conjunta de pesquisa comparada sobre o fenômeno "comer fora de casa". A Universidade de Oviedo (UNIOVI), por meio do grupo de Sociologia da Alimentação, e a Universidade de Manchester, por meio do Instituto de Consumo Sustentável, estão trabalhando conjuntamente nessas análises a partir do projeto "*La alimentación fuera del hogar en Europa: un análisis comparado de los modelos alimentarios extradomésticos en España y Reino Unido*". Já o Brasil, por meio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), passou a participar dessa pesquisa recentemente, a partir da tese de doutorado do autor.

De acordo com Díaz Méndez e Espejo (2014), há alguns desafios no campo de estudos da Sociologia da Alimentação, sendo um deles a falta de estudos comparados que permita compreender se as realidades investigadas decorrem de características locais ou tendências globais. Sendo assim, a opção pelo método comparativo se torna salutar. Parte-se da semelhança compartilhada entre os países, para se observar os processos históricos de formação dos bancos de dados referentes aos gastos da população com alimentação, prestando atenção, principalmente, na forma de coleta dos dados, organização, frequência e definições dos códigos e subcódigos usados para registro. Segundo as sistematizações feitas pelos autores Santos (2012) e Gonzalez (2008), a respeito do uso do método comparativo, este artigo apresenta uma estratégia do tipo *case based*, pois a proposta é isolar um elemento singular, no caso o fenômeno "comer fora de casa", identificando e comparando, a partir dos dados oficiais de cada país, as singularidades e as regularidades existentes, bem como os limites e as possibilidades geradas por essas fontes de informações.

O artigo está estruturado da seguinte forma: posterior a essa introdução será apresentado os bancos de dados de cada um dos países investigados, a forma de organização, períodos históricos de coleta, conceitos e definições, dando ênfase aos gastos alimentares que dizem respeito ao fenômeno "comer fora de casa". Em seguida, se fará um problematização e uma comparação destes bancos de dados sob três aspectos: a temporalidade, as variáveis comparáveis e as limitações das fontes de dados sobre o "comer fora de casa". Por fim, nas considerações finais, será feita um síntese sobre os principais resultados do artigo, apresentando algumas propostas para melhorar a coleta e sistematização dos bancos de dados oficiais, bem como a necessidade de complementaridade com outras pesquisas, tanto no que diz respeito aos instrumentos de coleta de dados, como perspectivas metodológicas e conceituais mais específicas sobre o tema.

FONTES DE DADOS SECUNDÁRIAS DA INGLATERRA, ESPANHA E BRASIL

Inglaterra

A coleta de dados sobre alimentação no Inglaterra começou em 1940, focando principalmente a dieta da classe trabalhadora urbana no período de guerra. Em 1950 estendeu-se para todos os domicílios do Reino Unido e posteriormente à Irlanda do Norte, em 1996. O programa responsável por essa coleta de dados era conhecido como "*National Food Survey*" (NFS), sendo a mais longa e contínua pesquisa sobre consumo e

gasto doméstico do mundo. O principal objetivo era fornecer informações a respeito dos índices de preços aos consumidores e a dieta da população, em relação à composição nutricional dos alimentos.

Em 1994 foi realizado um módulo da NFS que cobriu os alimentos e as bebidas consumidas fora de casa. Esse módulo foi conhecido como "*Eating Out Extension*". No entanto, essas informações não estão disponíveis, tendo sido apenas um experimento com um "mix" de resultados, cobrindo estimativas médias de consumo, gastos e valores nutricionais relativos aos alimentos consumidos fora do ambiente doméstico. Os dados da NFS estão disponíveis do período de 1974 a 2000⁵.

Paralelamente, durante o período de 1961 até 2001, havia também a pesquisa contínua chamada de FES "*Family Expenditure Survey*". Essa pesquisa registrava pagamentos realizados regularmente como aluguéis, contas de gás, eletricidade, telefone, seguros, entre outros, bem como os gastos diários da família, detalhados e registrados durante quatorze dias consecutivos. A proposta original era prover os departamentos de governo sobre informações a respeito dos Índices de Preço no Varejo (RPI - "*Retail Price Index*") e assim mensurar os gastos da família, pessoais e impostos, com relação a renda.

Os dados da FES estão disponíveis de 1961 a 1963 e de 1968 a 2000/2001⁶. Até 1993 a coleta de dados era anual, sendo que a partir dessa data passou a ser considerado o ano fiscal (abril de um ano a março do ano seguinte). A partir de 1968 passou a incorporar também a região da Irlanda do Norte. Cada membro da família, com 16 anos ou mais era demandado a manter uma agenda na qual anotava os gastos diários. Outros gastos regulares, como hipotecas, eram obtidas pelos entrevistadores ao longo da pesquisa. Em 1995/1996, crianças entre 7 e 15 anos passaram também a ter um diário simplificado de gastos.

Assim, segundo informações da "*UK data service*", desde de 1957 a FES forneceu informações a respeito dos padrões de gastos domésticos, incluindo os relativos a alimentação, sendo que, paralelamente, a NFS fornecia informações mais detalhadas a respeito do consumo e dos gastos com alimentação.

Entre abril de 2000 e março de 2001, de acordo com o calendário de coleta de dados da FES, outra pesquisa foi lançada em conjunto pelos Departamentos de Estado do Reino Unido, sendo eles a ONS ("*Office for National Statistics*") e o DEFRA⁷ ("*Department for Environment, Food & Rural Affairs*"). Tal pesquisa passou a ser intitulada como EFS ("*Expenditure and Food Survey*"), juntando assim, as duas versões que até então eram realizadas de forma paralela, tanto a FES como a NFS.

Outra mudança significativa ocorreu em 2001, com a padronização nos códigos de pesquisa sobre "gastos", que já vigorava desde 1997 entre alguns países europeus, chamada de COICOP ("*Classification Of Individual CONsumption by Purpose*")⁸. Essa padronização se estendeu em três áreas estatísticas: pesquisas

⁵ <https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=2000034#access>

⁶ <https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=200016>

⁷ Nesse mesmo período, em 2001, o antigo MAFF ("*Ministry of Agriculture, Fisheries and Food*") passou a ser designado de DEFRA.

⁸ <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=5>

sobre orçamentos familiares, índices de preços ao consumidor e comparação internacional sobre Produto Interno Bruto.

A última mudança ocorrido nesse tipo de pesquisa, no Reino Unido, foi em 2008, quando passou a ser chamada de LCF ("*Living Costs and Food*"), passando a integrar a pesquisa IHS ("*Integrated Household Survey*") como um módulo.

Com relação aos relatórios publicados pela ONS, é possível perceber algumas mudanças de tempos em tempos, tanto em relação aos dados que são publicados quanto a forma como são divulgados. Nos relatórios dos anos de 1999/2000 e 2000/2001 as classes que correspondem ao "*eating out*" estão contidas no código 3 "Alimentos e bebidas não-alcoólicas", pois os códigos da COICOP não estavam ainda em uso. A partir de 2001/2002 o relatório passa a adotar os códigos da COICOP, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - Código 11 da COICOP e seus respectivos subcódigos utilizados no Reino Unido, a partir de 2001.

Código (2 níveis)	Subcódigos (3 níveis)	Subcódigos (4níveis)	Subcódigos (5 níveis)
11 - Restaurantes e Hotéis	11. 1 - Serviços de restaurantes	11.1.1 - Restaurantes e refeições de café	
		11.1.2 - Bebidas alcoólicas (fora de casa)	
		11.1.3 - Comprar fora para comer dentro de casa - <i>takeaway</i>	
		11.1.4 - Outros tipos de <i>takeaway</i> e petiscos	11.1.4.1 - Comida quente e fria
			11.1.4.2 - Confeitaria
			11.1.4.3 - Sorvete
			11.1.4.4 - Bebidas suaves (refrigerantes e etc)
	11.1.5 - Restaurantes contratados		
	11.1.6 - Cantinas	11.1.6.1 - Refeições escolares	
		11.1.6.2 - Refeições compradas mas consumidas no ambiente de trabalho	
	11.2 - Serviços de acomodação	11.2.1 - Feriados e férias em UK	
		11.2.2 - Feriados e férias fora de UK	
		11.2.3 - Quartos alugados	

Fonte: Relatórios da ONS, elaboração própria do autor.

Desde 2001/2002 os relatórios divulgam os gastos de acordo com essa tabela, quando fazem referência ao "*eating out*". Nota-se que o Grupo "Serviços e acomodações" não se encaixa nessa categoria, pois não se refere a comida consumida fora do ambiente doméstico. Durante esse período a forma de exposição dos

dados são muito semelhantes entre os relatórios, permitindo ainda uma comparação direta entre quatorze regiões do Reino Unido⁹.

Os dados divulgados nos relatórios do DEFRA, chamados de "*Food Statistics Pocketbook*", apresentam diferenças em relação aos dados apresentados pela ONS. Os relatórios do DEFRA são amplamente utilizados para dar suporte na avaliação e nas definições de políticas públicas nas seguintes áreas: segurança alimentar doméstica, desperdício alimentar, preços dos alimentos e políticas públicas para alimentação e saúde, níveis de acessibilidade a determinados tipos de alimentos ou ainda para analisar os chamados "*food scares*" (DEFRA, 2015)¹⁰. Os principais dados divulgados nesses relatórios focam os alimentos, principalmente no que diz respeito as composições nutricionais. Pode-se perceber que o "*eating out*" é usado como uma variável dependente nos relatórios da ONS, em relação a renda, idade, gênero, região, etc. Já nos relatórios do DEFRA aparece como uma variável independente, influenciando o consumo dos tipos de alimentos e sua composição nutricional.

Especificamente com relação ao conceito *eating out*, pode-se dizer que há também diferenças bastante significativas. Nos relatórios da ONS não há um conceito para o que se considera *eating out*. Nos relatórios do DEFRA "*eating out*" é considerado como sendo: "*covers all food that never enters the household such as: restaurant meals, school meals and snacks bought and eaten away from home*"¹¹. Assim, é possível perceber um descompasso a respeito das informações sobre o fenômeno "*eating out*" entre os relatórios da ONS e do DEFRA. Como exemplo percebe-se que o total de gastos com a modalidade "*eating out*", segundo o relatório do DEFRA de 2013 (pg. 2) foi de 29,19% em relação ao total gasto com alimentação. Já no mesmo período, se observarmos os dados do relatório da ONS essa relação fica, em média, em 36,29%. Uma das explicações está na própria definição, ou seja, o relatório do DEFRA considerado "*eating out*" somente o que é consumido exclusivamente fora de casa, enquanto que no relatório da ONS a modalidade *takeaway* (por exemplo), que é comprar fora para comer dentro de casa, é considerada como sendo uma prática do "*eating out*"¹².

A segunda explicação, complementar a primeira, é que o relatório do DEFRA apresenta opções predefinidas a serem marcadas pelas pessoas que preenchem os diários de coleta de dados, com os tipos de comidas já organizadas em códigos, em virtude de uma tabela nutricional padronizada. Já nos relatórios da ONS os diários são preenchidos não com relação ao tipo de alimento consumido, mas sim com relação ao gasto econômico despendido em alguma prática possível de ser associada aos códigos da COICOP. Assim, acredita-se que há um descompasso entre os relatórios ao se computar os gastos com o fenômeno "*eating out*". Pelas leituras realizadas, acredita-se que as informações contidas nos relatórios da ONS espelhem

⁹ A partir de 2010 as tabelas passam a ser disponibilizadas por meio de link's, nos apêndices dos relatórios da ONS, e a partir de 2012 os relatórios passaram a ser disponibilizados em capítulos separados.

¹⁰ <https://www.gov.uk/government/statistics/food-statistics-pocketbook-2015>

¹¹ <https://www.gov.uk/government/publications/family-food-methodology>

¹² Apesar da dificuldade em se delimitar o conceito a respeito do *eating out*, como observado na introdução do artigo, a maioria das definições utilizadas nos projetos e relatórios de pesquisa, levam em consideração a prática de comprar fora de casa, mas consumir dentro de casa, como sendo uma das práticas do *eating out*.

melhor a realidade a respeito do "eating out" no Reino Unido, pois abarcam um maior número de situações em que o fenômeno ocorre.

Espanha

Na Espanha os dados estatísticos sobre alimentação começaram a ser coletados em 1958 pelo Instituto Nacional de Estatística (INE), por meio das "Encuestas de Presupuestos Familiares" (EPF). Os dados Espanhóis quantitativos sobre gastos com alimentação se baseiam em duas pesquisas, a EPF e o "Panel de Consumo Alimentario" do MAGRAMA (*Ministério de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente*)¹³.

As pesquisas estruturais da EPF continuaram, desde 1958, através dos seguintes anos, 1964/65, 1973/74, 1980/81, 1990/91^{14,15,16}. O número de códigos analisadas aumentaram com o tempo, iniciando com 68 em 1958, passando para 90 em 1964/65, expandindo ainda mais em 1973/74 (ano em que utilizou pela primeira vez uma amostra global da população), em 1980/81 o número de códigos se ampliou para 630 e em 1990/91 chegou a 900, tendo sido essa a última pesquisa estrutural sobre orçamento doméstico realizada na Espanha.

As pesquisas intermitentes no tempo, sobre orçamento doméstico, iniciaram em 1977 e estenderam-se até 1983, sendo chamadas de "Encuesta Permanente de Consumo" (EPC "conyunturais"). A partir de 1985 a EPC é substituída pela pesquisa denominada "Encuesta Continua de Presupuestos Familiares" (ECPF).

Em 1997 é implantada uma nova pesquisa, denominada "Encuesta Continua de Pressuposto Familiares" (ECPF base 97), que trata de englobar os objetivos das duas pesquisas que vinham sendo realizada até então, tanto as estruturais quanto as conjunturais. Essa pesquisa mateve as características amostrais da ECPF anterior. A unificação das duas pesquisas ocorreu no momento em que o INE passou a adotar os códigos da COICOP.

Em 2006 a ECPF (base 1997) é substituída por uma nova EPF (EPF base 2006), com coleta de informações anuais. As informações da EPF (base 2006) são obtidas de duas maneiras, por meio de um questionário de entrevista direta e anotações por parte dos membros do domicílio.

Quadro 2 - Códigos da COICOP adotados pela Espanha desde 1997, a respeito do "Comer fuera del hogar".

Código (2 níveis)	Subcódigos (3 níveis)	Subcódigos (4 níveis)	Subcódigos (5 níveis)
11 - Restaurantes e Hotéis	11.1 - Restaurantes e cafés	11.1.1 - Restaurantes e cafés	11.1.1.1 - Menu do dia
			11.1.1.2 - Almoço e janta em restaurantes
			11.1.1.3 - Consumo em bares e cafeterias

¹³ Até 2008 o nome do Ministério era "Ministério de Agricultura, Pesca y Alimentación" (MAPA).

¹⁴ <ftp://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF8081.pdf>

¹⁵ <ftp://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF9091.pdf>

¹⁶ <http://www.ine.es/metodologia/t25/t2530p458.pdf>

			11.1.1.4 - Consumo em <i>pubs</i> e discotecas	
			11.1.1.5 - Banquetes, cerimônias e celebrações fora de casa	
			11.1.2 - Cantinas e refeitórios	
		11.2 - Serviços de alojamento	11.2.1 - Serviços de alojamento	11.1.2.1 - Cantinas e refeitórios
				11.1.2.2 - Refeitórios escolares e universitários
				11.2.1.1 - Serviço de alojamento em hotéis
		11.2.1.2 - Outros serviços de alojamento		
		11.2.1.3 - Serviço de alojamento por motivos de estudos		

Fonte: Dados compilados do INE, elaboração própria do autor.

Os dados disponibilizados de 1998 até 2005 mostram um nível de desagregação de até 4 dígitos. Já a partir de 2006 os dados disponibilizados podem ser consultados com até 5 dígitos de desagregação funcional, onde podemos observar os códigos, que tratam do "comer fora" (11.1.1 e 11.1.2), desagregados em mais sete subcódigos, conforme quadro acima.

Em geral, os objetivos da EPF (base 2006), são de contribuir para o cálculo do Índice de Preço ao Consumidor (IPC), estimar os gastos agregados de consumo trimestral e anual para as Comunidades Autônomas e suas classificações segundo diversas variáveis sobre o domicílio e seus membros, contribuir para a estimação anual e trimestral da quantidade física de bens alimentícios consumidos no país e oferecer anualmente dados estatísticos sobre diferentes campos de interesse social (pobreza e desigualdade, distribuição e concentração de renda, gastos com equipamentos, domicílio, saúde, educação, etc)¹⁷.

Outra fonte de informações na Espanha são as pesquisas do MAGRAMA, que vem sendo realizada desde 1987, através do chamado "*Panel de Consumo Alimentario*". Essa pesquisa engloba as informações domiciliares de consumo, além do consumo em restaurantes, hotéis e consumos institucionais¹⁸.

A pesquisa deste ministério reside no interesse em conhecer os índices de consumo, como a evolução da dieta alimentar espanhola e o impacto dos preços no consumo de alimentos. O MAGRAMA divulga diversos relatórios de pesquisas, sendo eles: a) Pesquisa sobre o consumo de alimentos dentro dos domicílios, com frequência de resultados mensais, a partir de uma amostra de 8.000 domicílios; b) Pesquisa em hotéis e restaurantes com resultados trimestrais, a partir de uma amostra de 1.500 estabelecimentos comerciais; c) Pesquisas em restaurantes e em instituições sociais, como em setores da educação, saúde, presídios, etc, com resultados mensais, a partir de uma amostra de 300 estabelecimentos; d) Pesquisa sobre o consumo extradoméstico, com resultados divulgados de acordo com as estações do ano (primavera/verão e

¹⁷ http://www.ine.es/prodyser/micro_ebpf8191.htm

¹⁸ http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-06_tcm7-7808.pdf

outono/inverno), a partir de uma amostra de 14.000 indivíduos que anotam o consumo extradoméstico durante 4 semanas do ano¹⁹.

No que diz respeito ao interesse deste artigo, o bloco de pesquisa sobre consumo extradoméstico é realizado pelo MAGRAMA desde 2007. Nessa pesquisa são registrados todos os alimentos e bebidas consumidos fora de casa (preparados e prontos para serem consumidos fora de casa). As variáveis dependentes registradas são: restaurantes de serviço completo (*a la carte* ou de menu do dia), restaurantes de serviço rápido (restaurantes *self-service*, bares, cafeterias, *fast-food*, sorveterias), consumo imediato, comida para levar (*takeaway* e *deliveries*), danceterias e *pubs*, máquinas *self-service*, cantinas de empresas, hotéis e restaurantes no interior de transportes (ex: trens).

Os dados divulgados por essa pesquisa possuem mais detalhes a respeito dos gastos com alimentação fora, do que os dados divulgados pelo EPF (base 2006) a partir do código 11 da COICOP. Por exemplo, pelas pesquisas do MAGRAMA²⁰ é possível perceber as diferenças, em termos relativos, dos gastos com a prática do comer fora entre os dias da semana e os finais de semana. Estes relatórios apresentam, ademais, comparações com anos anteriores, possibilitando perceber tendências de consumo e processos de transição nutricional, uma vez que também coletam dados referentes aos tipos de alimentos consumidos pela população espanhola, além dos locais de consumo e o momento do consumo (café da manhã, almoço, café da tarde, janta, etc).

Deste modo, percebe-se que a pesquisa da EPF (base 2006) é uma pesquisa diferente da conduzida pelo MAGRAMA, apesar de manterem determinadas conexões em termos de uso, resultados e metodologias. Dois, dos quatro módulos da pesquisa conduzida pelo MAGRAMA, são mais próximos da EPF (base 2006), que são o módulo "consumo de alimentos dentro de casa" e o módulo de "consumo individual extradoméstico". Algumas diferenças existem, pois a forma de coleta e preenchimento dos dados são distintas, assim como alguns estratos sociais ou mesmo variáveis. Porém, é possível aproveitar as duas fontes para as pesquisas sobre algumas dimensões das práticas relativas ao comer fora de casa, sendo que os relatórios do MAGRAMA são expostos em forma de apresentação, com discussão de resultados, já os dados da EPF (base 2006) estão a disposição apenas para consulta *online*²¹ por meio de cruzamento de variáveis, sem comentários ou discussões.

Brasil

O primeiro estudo feito no Brasil, com dados a respeito dos gastos sobre o consumo de alimentos foi a o Estudo Nacional de Despesa Familiar (ENDEF), realizado durante o período de 1974/75. Esse estudo serviu de base para as pesquisas posteriores, que se denominariam Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), cuja

¹⁹ <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-de-consumo-alimentario/metodologia/default.aspx>

²⁰ http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/Variables_de_Demanda_Extradom%C3%A9stica_2013_tcm7-321941.pdf

²¹ http://www.ine.es/dyngs/INEbase/es/operacion.htm?c=Estadistica_C&cid=1254736176806&menu=resultados&idp=1254735976608

primeira foi realizada em 1987/88. As POF's subsequentes foram realizadas nos anos de 1995/96, 2002/03 e a última em 2008/09.

No decorrer dessas edições houve diversos avanços, sendo um deles o aumento da área de abrangência. Porém, somente a partir da edição de 2002/03 passou a ser realizada em todo território nacional, tanto urbana quanto rural. A partir dessa edição, de 2002/03, foram incluídos também aspectos relacionados à nutrição, investigando medidas antropométricas, quantidade de alimentos adquiridos no domicílio e as condições de vida da população, além de outras formas de aquisição não monetárias (doações, trocas, produção própria, etc).

Na POF de 2008/09 a abrangência geográfica foi mantida, assim como os dados já consolidados da POF de 2002/03, sendo adicionadas informações a respeito do meio ambiente, turismo, assistência à saúde, taxa de fecundidade e também informações antropométricas mais detalhadas. Nessa versão foi incluída também uma primeira experiência para estudar o consumo efetivo pessoal, por meio de um módulo específico, chamado de POF 07. Esse módulo possui questões relativas à descrição dos alimentos consumidos, ao horário de consumo e também ao local de consumo (dentro ou fora do domicílio).

O código sobre o comer fora, que compõe essa pesquisa, é chamado de "Alimentação fora do domicílio", e passou a ser utilizado a partir da pesquisa de 2002/2003, sendo que a desagregação desse código contempla os seguintes subcódigos: 1) Almoço e jantar; 2) Café, leite, Café/leite e chocolate; 3) Sanduíches e salgados; 4) Refrigerantes e outras bebidas não alcoólicas; 5) Cervejas, *chops* e outras bebida alcoólicas; 6) Lanches; 7) Alimentação na Escola; 8) Alimentação *light* e *diet*; 9) Outros. Nota-se, no entanto, que na POF de 2002/2003 dois desses subcódigos não estavam presentes, sendo eles: "Alimentação na Escola" e "Alimentação *light* e *diet*", tendo sido agregados na POF 2008/2009.

As informações obtidas pela POF são captadas através de registros e entrevistas diretas. Os registros são realizados pelos informantes selecionados durante nove dias consecutivos por meio cadernetas de registro fornecidos pelos órgãos de pesquisa. A POF 07 foi aplicada como um módulo a parte, durante a realização da POF 2008/09, com aporte financeiro e metodológico do Ministério da Saúde (MS).

Ao todo a POF de 2008/2009 foi realizado em 7 módulos, divididos da seguinte forma: POF 01 - Características do domicílio e dos moradores; POF 02 - Questionário de aquisição coletiva; POF 03 - Caderneta de aquisição coletiva; POF 04 - Folha suplementar; POF 05 - Questionário de trabalho e rendimento individual; POF 06 - Avaliação das condições de vida; POF 07 - Bloco de consumo alimentar pessoal.

No âmbito das pesquisas conduzidas pelo IBGE, especialmente com relação a POF, tem ocorrido seminários de construção do SIPD (Sistema Integrado de Pesquisas Domiciliares) desde de 2006. A proposta até o momento é realizar uma POF completa a cada 5 anos, e uma simplificada anualmente. De todo modo a pesquisa seguinte, prevista pelo governo, deveria ter sido realizada em 2014/2015, mas se encontra atrasada, com possível realização em 2016. Essa nova proposta de unificação das pesquisas, proposta pelo IBGE por

meio da SIPD, se constitui em um modelo de realização de pesquisas amostrais em que o planejamento, a execução, a análise e a disseminação dos resultados das diversas pesquisas, serão conduzidas de forma coordenada.

Das informações disponíveis no site do IBGE, com relação as POF's, há somente informações sobre os gastos com alimentação relativas a fonte do alimento, se dentro ou fora do domicílio, associados aos estratos de renda e a localização do domicílio, se em área urbana ou rural. Outras variáveis independentes como, idade, escolaridade, sexo, composição da família, etc, não aparecem associadas aos gastos com alimentação com base na fonte, se dentro ou fora do domicílio, mas sim aos tipos de alimentos (leguminosas, hortaliças, derivados do leite, carne, etc).

COMPARAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DAS FONTES DE DADOS SECUNDÁRIOS ENTRE REINO UNIDO, ESPANHA E BRASIL

No sentido de analisar comparativamente os dados dos três países, relativos ao fenômeno "comer fora de casa", separamos essa discussão em três partes: temporalidade, as variáveis comparáveis e as limitações das fontes de dados sobre o tema.

Temporalidade e metodologia

Com relação a frequência na obtenção dos dados, há uma diferença bastante significativa entre os três países, especialmente entre o Brasil e os dois países europeus. O quadro 03 abaixo mostra o ano e a frequência das pesquisas em cada país, bem como as principais mudanças que ocorreram.

Quadro 03 - Pesquisas oficiais sobre consumo alimentar no Brasil, Espanha e Reino Unido.

Períodos	Brasil	Espanha	Reino Unido
Início	1974/75 (ENDF)	1958 (EPF)	1940 (NFS)
Expansão para todo o território nacional	2002/2003 (POF)	1973/1974	1950 para todo o Reino Unido e 1996 também para a Irlanda do Norte
Periodicidade	1974/75 (ENDF)	1957, 1964/65, 1973/74, 1980/81, 1990/91 (EPF's - estruturais)	FES (1961-1963 e de 1968-2000/2001)
	1988/89, 1994/95, 2002/03, 2008/09 (POF)	Pesquisas continuadas: 1977-1983 (EPC), 1985 - 1997 (ECPF). Pesquisas do MAGRAMA desde 1987.	NFS (1940 até 2000)
Unificação das pesquisas na Europa com base nos códigos da COICOP	-	Unificação das pesquisas estruturais com as conjunturais em 1997 De 1997 até 2006 (ECPF - base 97) De 2006 até os dias de hoje (EPF - base 2006)	Unificação da FES com a NFS em 2001 De 2001 até 2007 (EFS) De 2008 até os dias de hoje (LCF)

Fonte: Relatórios do INE, IBGE e ONS - Elaboração própria do autor.

Em âmbito Europeu, mais especificamente dentro da CEE (Comunidade Econômica Européia) os dados coletados relativos à alimentação foram uniformizados pela COICOP, no que diz respeito as suas unidades e variáveis. Essa padronização foi adotada pela Espanha em 1997, no ano de sua implementação, e mais tarde na Inglaterra, em 2001, modificando em ambos os países seus procedimentos de coleta de dados, inclusive os próprios programas de pesquisa. No caso britânico, unificou a NFS e a FES, em um único programa, a EFS. Já na Espanha a mudança ocorrida em 1997 unificou a EPF e a EPFC (iniciada em 1985) e criou uma nova EPFC (base 97). Na Espanha há ainda as pesquisas conduzidas pelo MAGRAMA, desde 1987, que abordam os aspectos relacionados aos gastos com alimentação, tanto dentro como fora de casa, sendo que o bloco de consumo individual extradoméstico começou em 2007. No Reino Unido há também o DEFRA, que coleta dados próprios, porém também se utiliza de dados disponibilizados pela ONS, além de outros departamentos de Estado e agências comerciais²². Os relatórios "*Food statistics Pocketbook*" do DEFRA são publicados desde 2008²³.

Com relação à periodicidade das pesquisas que coletam dados sobre alimentação, as pesquisas no Reino Unido são as mais antigas, datando de 1940, sendo que na Espanha iniciou em 1958 e no Brasil em 1974/75. A periodicidade entre os países também difere, sendo que no Reino Unido, que engloba também a Irlanda do Norte, quase todos os anos ocorreram coletas de dados. Na Espanha a pesquisa continuada sobre gastos domésticos iniciou em 1985, sendo trimestral até 2005, mesmo após as modificações em 1997, sendo que a partir de 2006 passou a ser anual. No Brasil a POF não é contínua, tendo ocorrido apenas 5 edições, considerando a ENDEF de 1974/75. A pesquisa que passou a ser contínua no Brasil foi a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio), a partir de 2012, mas com foco no mercado de trabalho.

Variáveis comparáveis

As variáveis tanto dependentes quanto independentes, foram alteradas constantemente ao longo dos tempos e entre os países. Como exemplo é possível citar o caso espanhol que aumentou o número de códigos entre as décadas de 50 e 90 - de 68, em 1958, para 900, em 1991, dentro das pesquisas estruturais, e chegando a 400, em 1985, nas conjunturais - para posteriormente, em 1997 (quando unificou as pesquisas conjunturais e estruturais), diminuir o número para aproximadamente 300 variáveis, quando adotou os 12 códigos bases da COICOP, com 5 níveis de desagregação. No Reino Unido há um registro das alterações em alguns relatórios emitidos pela ONS, como o relatório de 2007, com registros das alterações de 1991 até 2006 descritos no apêndice "B"²⁴. Porém no Brasil e na Espanha os conceitos básicos e as definições são emitidos a cada relatório, na parte metodológica, mas os antecedentes não são relatados, não sendo possível perceber essas modificações conceituais ao longo dos anos de forma sistematizada.

²² https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/553390/foodpocketbook-2016report-rev-15sep16.pdf

²³ <http://webarchive.nationalarchives.gov.uk/20130103014432/http://www.defra.gov.uk/statistics/foodfarm/food/pocketstats/>

²⁴ <https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/personalandhouseholdfinances/incomeandwealth/compendium/familyspending/2014-12-02/surveymethodologyappendixb/pdf>

Todavia, em termos gerais, é possível fazermos algumas comparações entre os três países, apesar das limitações existentes. Na tabela 01, abaixo, é apresentado os dados relativos ao ano de 2002 e 2008, pois são os únicos dados de que dispõe o Brasil. A Espanha dispõe os dados de 1998 até 2014 e o Reino Unido de 1999 até 2014.

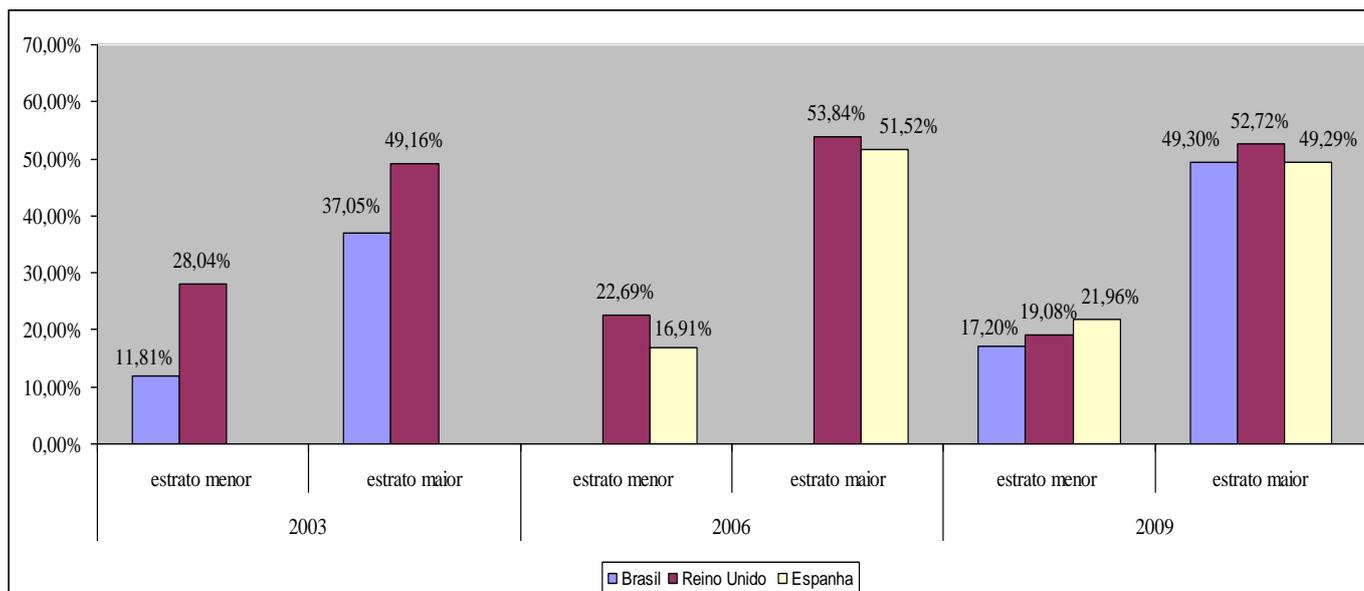
Tabela 01 - Frequência média dos gastos com alimentação no Brasil, Reino Unido e Espanha, dentro e fora de casa, entre os anos de 2002 e 2008.

Comer fora com relação aos gastos totais	2002	2008
Reino Unido	7,51%	6,58%
Espanha	8,10%	8,83%
Brasil	4,08%	5,00%
Comer fora com relação aos gastos totais com alimentação		
Reino Unido	41,67%	37,94%
Espanha	31,14%	38,58%
Brasil	24,05%	31,14%
Comer dentro em relação aos gastos totais		
Reino Unido	10,51%	10,76%
Espanha	17,91%	14,06%
Brasil	16,95%	16,06%
Comer dentro em relação aos gastos totais com alimentação		
Reino Unido	58,33%	62,06%
Espanha	68,86%	61,42%
Brasil	75,95%	68,86%

Fonte: Dados da ONS, IBGE e INE, elaboração própria do autor.

Com relação as médias dos gastos totais e dos gastos totais com alimentação, os espanhóis foram os que mais gastaram com alimentação fora, em termos relativos, tendo aumentado essa frequência entre 2002 e 2008, assim como os brasileiros. Porém, no caso do Brasil, apesar do aumento de gastos identificado, ainda é o país que menos gastou comparativamente aos outros dois. Já o Reino Unido apresentou uma queda na proporção dos gastos com o comer fora, em relação as gastos totais e também aos gastos totais com alimentação, entre 2002 e 2008. Por outro lado, entre 2002 e 2008, houve um pequeno aumento relativo com os gastos com alimentação dentro de casa, no caso do Reino Unido, porém, no caso do Brasil e da Espanha houve queda.

Gráfico 01 - Gastos com alimentação fora de casa segundo o menor e o maior estrato de renda em relação ao gasto total com alimentação



Fonte: INE, ONS e IBGE. Elaboração própria do autor.

O gráfico 01 acima foi elaborado a partir da variável dependente "frequência dos gastos em comer fora de casa em relação ao gasto total com alimentação" cruzando com a variável independente "renda". Em relação a forma de organização dos dados apontam-se algumas diferenças. A variável independente "renda" foi estratificada de forma distinta em cada país. No Brasil, na POF 2002/03, os estratos formados foram nove, já na POF 2008/09 foram sete. Para o ano de 2006 não há informações para o caso brasileiro. Na Espanha os estratos foram divididos em oito, porém os dados registrados com esse cruzamento "renda x gastos com alimentação fora de casa", estão disponíveis somente a partir de 2006, não estando presente nos dados de 1998 a 2005. Como é possível perceber no gráfico 01, não há dados espanhóis para 2003 com essa informação. Assim, optou-se por apresentar somente os dados de 2006 e 2009. No caso do Reino Unido essa informação existe desde 1999, podendo ainda existir para anos anteriores, porém não tivemos acesso a essas informações em forma de relatórios anteriores a 1999. A forma de estratificação, no caso do Reino Unido, foi realizado em dez partes e podemos perceber no gráfico acima que há informações para os três períodos em questão.

Neste sentido, optou-se pelos anos de 2003, 2006 e 2009 para se proceder a comparação. A escolha se deu pelo fato de que no Brasil há dados somente de 2003 e 2009, na Espanha de 2006 a 2014, e no Reino Unido de 1999 a 2014. Optou-se também por separar a renda em dois tipos, pelo estrato mais baixo e pelo estrato mais alto de renda de cada país, independente da forma como foi estratificado, se em sete, nove, dez ou oito partes.

No caso brasileiro, tanto o estrato de mais baixa renda, quanto o estrato de mais alta renda, aumentaram os gastos relativos ao consumo fora do ambiente doméstico, entre os anos de 2003 e 2009. O maior aumento foi com relação ao estrato de mais baixa renda, cerca de 46%, sendo que no caso do estrato de maior renda o

aumento foi de 33%. No caso espanhol, entre os anos de 2006 e 2009, os gastos relativos do estrato de maior renda diminuiu, cerca de 4%, e o estrato de menor renda aumentou seus gastos relativos com o consumo "*fuera del hogar*", em cerca de 30%. Para o caso do Reino Unido o estrato de menor renda apresentou um decréscimo ao longo dos anos analisados, sendo de 19% entre 2003 e 2006, e de 16% entre 2006 e 2009, ficando abaixo do estrato de menor renda da população espanhola e próximo ao estrato de menor renda da população brasileira, para o ano de 2009. Ainda no caso do Reino Unido, apesar da queda no estrato de menor renda, o estrato de maior renda apresentou um aumento de quase 10% entre 2003 e 2006, e uma pequena queda de 2% entre 2006 e 2009, mantendo-se acima dos 50% (52,72%) dos gastos com "*eating out*" em relação ao gasto total com consumo de alimentos.

Percebe-se claramente que o gasto com alimentação fora de casa, nos três países, esta intrinsecamente relacionado com a renda, ou seja, quanto maior o estrato de renda, maiores são os gastos com alimentação fora do ambiente doméstico, sendo que nos estratos mais elevados esse índice gira em torno dos 50% dos gastos totais com alimentação.

limitações das fontes de dados sobre o tema

As limitações presentes nas fontes oficiais, em respeito aos dados registrados sobre os gastos com consumo fora do ambiente doméstico, podem ser de duas ordens. Primeiro seriam as limitações dos dados em si, como abrangência das perguntas, a falta de clareza nas definições, periodicidade das coletas de dados e a forma como são realizadas. Em segundo, com limitações de ordem comparativa, pois analisar o fenômeno "comer fora de casa" de forma comparada entre os três países apresenta uma série de dificuldades como a adoção de diferentes códigos e subcódigos, suas definições, a série histórica de registros e a forma de organização das pesquisas.

No que diz respeito às limitações de primeira ordem, algumas considerações são importantes de serem feitas. Primeiro se discutirá a abrangência das perguntas sobre o que se registra em relação ao fenômeno comer fora de casa. Frente a um amplo número de situações que esse fenômeno pode vir a ocorrer, as opções de preenchimento oferecidas aos indivíduos, que registram seus gastos durante as pesquisas, certamente não representa amplamente a realidade. Por exemplo, as comidas que são levadas de casa para serem consumidas no trabalho, o famoso *lunch in box* britânico, *fiambrera* espanhola, e a marmitta brasileira, não seriam consideradas como um consumo fora do ambiente doméstico? se sim, em que subcódigos devem ser registrados? Ainda nesse sentido, as perguntas se restringem há poucos locais de consumo, sendo que na realidade os locais os quais se pode comer fora de casa são muitos. Outro aspecto, relacionado a essa mesma limitação são os registros a respeito de outras dimensões como o gosto e a sociabilidade. Com relação ao gosto a variação que pode emergir, a partir do fenômeno "comer fora de casa", é bastante significativa. Exemplos seriam os restaurantes étnicos, como chineses, tailandeses, vietnamitas, portugueses, etc. Porém essa variação pode ocorrer também no campo moral e político, como os restaurantes vegetarianos e veganos, ou ainda sob uma perspectiva de economia, tanto de dinheiro como de tempo, como as comidas *fast foods*.

Tais opções poderiam desencadear processos de distinção social, reafirmação cultural ou política, estilos de vida, entre outros, expressando diferentes sentidos e significados, tanto da individualidade quanto da coletividade.

Um segundo aspecto relacionado as limitações dos dados em si, seria a falta de clareza nas definições, ou seja, o que de fato significa, conceitualmente, os fenômenos "*eating out*", no caso britânico, "*comer fuera del hogar*", no caso espanhol e "alimentação fora do domicílio", no caso brasileiro. Ainda nesse sentido, não há definições claras relativos a cada subcódigo. Por exemplo, o que seriam "lanches" no caso brasileiro: algo que se come fora dos horários habituais das refeições mais estruturais, como almoço e janta? ou algo que se come na rua, em algum *fast food*? Enfim, um subcódigo que diga apenas "lanches" e que é preenchido por inúmeros e diferentes indivíduos se torna uma definição muito aberta e dependente da discricionariedade de cada um. Tal fato ocorre também nos outros diferentes subcódigos de cada país. Problematizar cada um deles aqui se tornaria exaustivo, sendo necessário apenas frisar suas limitações quanto as definições que cada um pode apresentar, em maior ou menor medida, mesmo por que o peso da subjetividade individual é muito marcante em dados que são registrados pelos próprios entrevistados, dando-lhes margem para interpretar as perguntas, ou mesmo os subcódigos, conforme lhes pareça mais familiar e cognoscível.

Uma terceira limitação identificada, ainda com respeito aos dados oficiais em si, diz respeito a periodicidade das informações. Essa periodicidade pode estar associada tanto à sequência de informações obtidas quanto à uma problematização sobre o uso do conceito. Sobre a sequência de informações, o caso brasileiro é o mais problemático, pois não há, até o momento, um POF intermitente e conjuntural, apenas as estruturais, a cada cinco anos, sendo que a última deveria ter sido realizada em 2014/15, porém não o foi até o momento. Já nos casos da Espanha e Reino Unido esse levantamento de informações já vem ocorrendo a mais tempo, de forma intermitente. Com relação a problematização do conceito do tempo em si, poderíamos exemplificar argumentando que as rotinas alimentares, tanto domésticas como extradomésticas, variam de acordo com as datas festivas, horários de trabalho, lazer, dias da semana, finais de semana, férias, feriados, viagens, etc. Assim, apenas relatar de maneira muito uniforme os gastos com alimentação fora de casa, sem ter em conta a diversidade dos momentos que tal fato social pode emergir, explica muito pouco sobre como essa dinâmica estrutura e é estruturada por outras dinâmicas sociais, principalmente relacionadas ao uso do tempo e as rotinas, tanto individuais quanto institucionais²⁵.

Como limitações de segunda ordem, serão apresentadas algumas dificuldades quanto a comparação dos dados oficiais entre os três países. Primeiro, todos os três países adotam subcódigos distintos, mesmo que a Espanha, desde 1997, e o Reino Unido, desde 2001, tenham adotados os códigos da COICOP como padrão para suas pesquisas sobre gastos²⁶. A adoção de subcódigos distintos, ou mesmo códigos, no caso brasileiro em relação aos dois países europeus, gera dificuldades no entendimento do que poderia ser comparado de

²⁵ Há algumas exceções, como a pesquisa conduzida pelo MAGRAMA, que registra diferenças entre os dias da semana e os finais de semana.

²⁶ Ver Quadro 01 e Quadro 02.

forma direta. O exemplo mais emblemático é o subcódigo *takeaway*, utilizado no Reino Unido nas pesquisas da ONS, que possui uma definição muito clara em estudos já realizados nesse país sobre "*eating out*" (WARDE e MARTENS, 2001), porém não é registrado nos relatórios do DEFRA. Tanto no Brasil como na Espanha (no caso da pesquisa do INE²⁷), esse modo de se alimentar não é considerado como uma alimentação fora do domicílio.

Com relação às séries históricas, como limitação de segunda ordem, as diferenças entre os países são marcantes. O Reino Unido tem uma tradição de longos anos na coleta de informações a respeito dos gastos com alimentação fora do ambiente doméstico. Segundo Warde e Martens (2001), desde 1960. A Espanha também possui informações de muitos anos, pois desde 1977 vem realizando pesquisas contínuas sobre os gastos dos domicílios: quanto aos gastos com alimentação fora do domicílio, porém, não é possível precisar o início, partindo-se da informação desde 1997. Na Espanha há ainda o MAGRAMA, que a partir de 2007 começou a aplicar um módulo de pesquisa sobre gastos individuais com alimentação extradoméstica. No Brasil o registro oficial sobre os gastos domésticos da população existe desde 1974, porém somente a partir de 2002/03 passou a ser representativa de todo o território nacional e nessa mesma edição passou a registrar os gastos com alimentação fora do domicílio, sendo que até o momento o Brasil não possui uma pesquisa continuada desse tipo, prejudicando a comparação com Espanha e Reino Unido, em face a uma série histórica de informações.

Por fim, ainda com relação a alguns limites de segunda ordem, destaca-se a forma como as pesquisas oficiais de cada país foram sendo organizadas ao longo dos anos. No Reino Unido a união das pesquisas NSF com a FES, dando origem a EFS em 2001, acarretou em poucas modificações, acrescentando um subcódigo "bebidas alcoólicas (fora de casa)" e agrupando duas, "Restaurantes contratados e Cantinas", o que elevou, de maneira um pouco "abrupta", a média dos dados relativos aos gastos com alimentação fora, em torno de 6% entre 2000/01 e 2001/02. Na Espanha a maior modificação ocorreu em 2006, quando houve a mudança da ECPF (base 97) para a EPF (base 2006), em que o subcódigo "Restaurantes y cafés" foi subdividido em cinco outros, expondo melhor a informação sobre os gastos com alimentação fora, já que até 2005 esse subcódigo registrava uma concentração em torno de 97% dos gastos. No Brasil, entre as POF 2002/03 e 2008/09 ocorreram poucas mudanças, acrescentando-se somente dois subcódigos, "Alimentação na escola" e "Alimentação *light* e *diet*", aos outros nove já existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar e comparar as fontes oficiais dos três países, Brasil, Espanha e Reino Unido sobre os dados relativos aos gastos realizados com alimentação, especialmente fora do ambiente doméstico, analisando aspectos metodológicos, conceituais e organizacionais.

Com relação às fontes oficiais de cada país, realizamos uma análise documental histórica, a partir das informações disponibilizadas pelos respectivos sites das entidades responsáveis pela coleta e divulgação

²⁷ Na pesquisa do MAGRAMA, há um subcódigo identificado como "*Comida para llevar*", que engloba o conceito *Takeaway*.

destes dados. Tais informações estão disponíveis *online* para consulta na forma de relatórios e tabelas. A partir dessa análise foi possível entender a evolução deste tipo de pesquisa em cada país, tanto em termos metodológicos como conceituais e operacionais.

Apesar do principal objetivo dos três bancos de dados investigados serem, essencialmente, compor os Índices de Preço ao Consumidor (IPC) e fornecer informações dos gastos familiares no cálculo das contas nacionais, várias outras informações podem ser obtidas, dentro dos limites possíveis aos quais se propõem. Classificamos estas limitações em duas ordens. Em primeira ordem estariam as limitações dos dados em si, identificados como: abrangência das perguntas, a falta de clareza nas definições e a periodicidade nas coletas de dados. A maioria destas limitações existem principalmente em razão de que os próprios modelos de pesquisa são planejados com outros objetivos, que não os de detalhar, tanto conceitualmente quanto analiticamente, determinados temas, como é o caso das práticas que envolvem os hábitos da população em se alimentar fora de casa.

Porém, a maior dificuldade seria no momento de comparar os dados, identificada como uma limitação de segunda ordem. Há inúmeras dificuldades para se realizar tal tarefa, como a adoção de diferentes códigos e subcódigos em cada país, as séries históricas de registros e as formas de organização das pesquisas.

Neste artigo, apesar das limitações apresentadas, foi possível realizar uma análise comparada entre os três países, basicamente envolvendo séries dos anos de 2003, 2006 e 2009, dentro das quais foi possível trabalhar os dados disponíveis. Com relação aos estratos de renda, optou-se em analisar somente a partir do menor e do maior, independentemente da estratificação realizada em cada país. Deste modo foi possível perceber algumas tendências. Comparou-se também as frequências das médias dos gastos com alimentação tanto fora quanto dentro de casa, em relação aos gastos totais e os gastos totais com alimentação.

Pela complexidade que envolve o fenômeno de comer fora do ambiente doméstico, como a dimensão do gosto, da sociabilidade, da formação dos hábitos e rotinas, da saúde, entre outros, o uso dos bancos de dados oficiais auxilia nas investigações, contribuindo com informações sobre gastos, locais de consumo, tipos de alimentos, e variáveis independentes como renda, escolaridade, sexo, regiões, etc, porém de forma parcial. Nesse sentido, pesquisas que explorem outras dimensões como a rotina alimentar dos indivíduos, os registros alimentares pertencentes a cada grupo social, as interações entre diferentes práticas sociais e o ato de comer, bem como as estruturas sociais que emergem a partir da comida, são de extrema relevância para a compreensão dos fenômenos sociais que se desencadeiam a partir da alimentação, seja ela doméstica ou extradoméstica.

Alguns aspectos são possíveis de serem melhorados, em futuras coletas e registros de dados, como a uniformização dos subcódigos entre Espanha e Reino Unido, sendo que, devido ao vocabulário alimentar e compreensão cultural de cada população (país), talvez dificulte o preenchimento dos diários, que são estritamente dependentes dessa forma de registro individual. O mesmo poderia valer para o Brasil, sendo que tal iniciativa demandaria um debate conceitual e uma reorganização em termos de variáveis, pois

poderia prejudicar análises comparadas com anos anteriores. Porém, tais mudanças poderiam ser acompanhadas de mecanismos de readequação, para que os registros anteriores possam ainda ser utilizados. Seria importante também que o Brasil comece a realizar as POF's anuais (contínuas), para que assim as análises comparativas possam conter registros históricos mais longos.

De todo modo, as pesquisas que envolvem esse tema precisam também ser complementadas com trabalhos de campos qualitativos, pois o número de variáveis que influenciam o comportamento dos indivíduos em comer ou não fora de casa, bem como suas justificativas, são muito amplas para serem analisadas somente do ponto de vista quantitativo. As pesquisas oficiais contribuem com alguns aspectos, principalmente relativos aos gastos. Porém, para aprofundar as reflexões sobre determinados temas, em especial ao que interessa nesse artigo, que é o ato de comer fora do ambiente doméstico, outras metodologias, variáveis e dimensões devem ser utilizadas, demandando outros projetos de pesquisa que contribuam com outras fontes de dados. Caso seja oportuno, seria importante pensar agendas de pesquisas internacionais que tenham um entendimento comum sobre os aspectos metodológicos e teóricos, com vistas a evitar parte dos problemas percebidos aqui nos dados oficiais, qualificando assim as análises comparadas e oportunizando avanços nas análises sobre esse fenômeno social emergente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEARDSWORTH, A.; KEIL, T. (1997). *Sociology on the menu: an invitation to the study of food and society*. London and New York: Routledge.

Department for Environment, Food & Rural Affairs (DEFRA). *Food statistics pocketbook 2015*. <<https://www.gov.uk/government/statistics/food-statistics-pocketbook-2015>> acesso em 27 de março de 2016.

_____. *Family food methodology*. <<https://www.gov.uk/government/publications/family-food-methodology>> acesso em 26 de março de 2016.

DÍAZ MÉNDEZ, C; ESPEJO, I. G (2014). La mirada sociológica hacia la alimentación: análisis crítico del desarrollo de la investigación en el campo alimentario. *Política y Sociedad*, 51(1): 15-49.

DIAZ MENDEZ, C; *et al* (2005). Análisis crítico de las fuentes estadísticas de consumo alimentario en España. Una perspectiva sociológica. *Reis, Revista Espanhola de investigaciones Sociológicas*, 110:117-136.

GONZALES, R. S (2008). O método comparativo e a ciência política. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, 2(1):1-12.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Disponível em <<https://metadados.ibge.gov.br/consulta/dthPesquisa.aspx?codPesquisa=PD>> acesso em 22 de abril de 2016.

_____. *Manual do agente de pesquisa POF 2008/09*. Disponível em <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0ahUKEwiWwa-xxcDMAhUJH5AKHfISB7wQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fbiblioteca.ibge.gov.br%2Fvisualizacao%2Finstrumentos_de_coleta%2Fdoc2625.pdf&usg=AFQjCNF-jZ0ApJWsnALygVwb62vfKcEZ4Q&cad=rja> acesso em 25 de abril de 2016.

Instituto Nacional de Estadística (INE). *Encuesta de Presupuestos Familiares (1980-1981)*. <<ftp://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF8081.pdf>> acesso em 3 de março de 2016.

_____.Encuesta de Presupuestos Familiares (1990-1991). Disponível em <<ftp://www.ine.es/temas/ebpf8191/metoEBPF8081.pdf>> acesso em 3 de março de 2016.

_____.Encuesta de Presupuestos Familiares (2006). Disponível em <<http://www.ine.es/metodologia/t25/t2530p458.pdf>> acesso em 3 de março de 2016.

MENNELL, S.; MURCOTT, A.; OTTERLOO, A. H. van. (1992). *The sociology of food: eating, diet and culture*. London: SAGE Publications.

XIAOMIN, Y. (2006). *La fonction sociale des restaurants en Chine*. Paris: L'Harmattan.

Ministerio de Agricultura, Alimentación y Medio Ambiente (MAGRAMA). La alimentación en España (2006). <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-06_tcm7-7808.pdf> acesso em 10 de março de 2016.

_____.Metodologías (2009). Disponível em <<http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/panel-de-consumo-alimentario/metodologia/default.aspx>> acesso em 10 de março de 2016

_____.Estudio sobre el mercado extradoméstico de alimentación (2013). Disponível em <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/Variables_de_Demanda_Extradom%20C3%A9stica_2013_tcm7-321941.pdf> acesso em 10 de março de 2016.

_____.Informe del consumo de alimentación en España (2014). Disponível em <http://www.magrama.gob.es/es/alimentacion/temas/consumo-y-comercializacion-y-distribucion-alimentaria/informeconsumoalimentacion2014_tcm7-382148.pdf> acesso em 11 de março de 2016.

ORFANOS, P; et al (2009). Eating out of home: energy, macro- and micronutrient intakes in 10 European countries. The European prospective investigation into cancer and nutrition. *European Journal of Clinical Nutrition*, 63: 239-262.

PITTE, J. R. (1998). Nascimento e expansão dos restaurantes. En: M. Montanari.; J. L Flandrin. *História da Alimentação*. São Paulo: Estação da Liberdade.

SANTOS, A. M. Quando comparamos para explicar desenhos de pesquisa e sequência temporais na investigação de instituições políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(80): 203-217.

United Nations Statistics Division. Classification of Individual Consumption According to Purpose (COICOP). <<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=5>> acesso em 14 de abril.

_____.Class: 11.1.1 - Restaurants, cafés and the like (S) (COICOP). Disponível em <<http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcs.asp?Cl=5&Lg=1&Co=11.1.1>> acesso em 14 de abril.

Office for National Statistics (ONS). Family Spending. <<https://www.ons.gov.uk/searchpublication?q=family%20expendign>> acesso em 27 de março de 2016.

_____.Survey methodology: Appendix B. Disponível em <<https://www.ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/personalandhouseholdfinances/incomeandwealth/compendium/familyspending/2014-12-02/surveymethodologyappendixb/pdf>> acesso em 27 de março de 2016.

UK Data Service. National Food Survey (NFS). Disponível em <<https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=2000034#access>> acesso em 25 de março de 2016.

_____.Family Expenditure Survey (FES). Disponível em <<https://discover.ukdataservice.ac.uk/series/?sn=200016>> acesso em 25 de março de 2016.

WARDE, A (2016). *The practice of eating*. Cambridge: Polity.

WARDE, A; Martens, L. *Eating out: Social differentiation, consumption and pleasure*. Ed. Cambridge University Press, New York, USA, 2003, 246p.